

Previsão não atinge resultado

A série histórica de crianças atendidas nos últimos cinco anos pelos programas de alimentação escolar e do livro didático mantidos pela FAE mostra claramente a disparidade dos números. Nos estados, as previsões da FAE, geralmente, estão bem longe dos resultados do Censo Educacional de 1987 — estatística mais recente, usada, por exemplo, pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA), para analisar as perspectivas da educação básica para os anos 90. Mesmo considerando as taxas históricas de crescimento, de 2,4 por cento ao ano, do número de alunos da rede pública de ensino, é difícil preencher a diferença entre os 22.521.920 alunos computados no censo educacional de 1987 e os 30,9 milhões que constam da previsão da FAE para 1991.

Se essa previsão estiver correta, certamente faltará merenda escolar, pois também estão incluídos no programa irmãos menores que ainda não frequentam a escola e existem cerca de 15 milhões de crianças na faixa de quatro a seis anos. Se, porém, os

números da diretoria de apoio didático-pedagógico estiverem corretos, e a previsão da FAE predominar, vão sobrar quase três milhões de livros por matéria.

Em alguns estados, as diferenças são desconcertantes. Caso do Maranhão, que salta de 750.369 alunos da rede pública de 1º grau no Censo Educacional de 1987 para 2.572.241 na previsão da FAE para 1991 — número surpreendente para uma população de 5,1 milhões de habitantes, com elevado índice de analfabetismo.

No Paraná, existem 1.019.828 alunos de 1ª a 4ª séries para fins de merenda e 1.439.530 para fins de livro didático. Na Bahia, enquanto o escritório regional da FAE aponta 3.047.000 alunos atendidos por dia pela merenda e o Censo Educacional, 2.967.915 alunos na rede pública, a previsão da FAE, como exceção, faz um cálculo para baixo: 2.552.649 alunos. A produção diferenciada e regionalizada de livros didáticos poderia até mesmo baratear o custo unitário do livro, explica um pequeno empresário do setor.